

## João Carlos Roque,

presidente da Associação Portuguesa  
de Técnicos de Prótese Dentária (APTPD)



« O **avanço** tecnológico na área da prótese dentária **exige** de nós uma **actualização** constante »

“Quem se quiser afirmar profissionalmente terá de ser capaz de se diferenciar pela capacidade técnica”. O recado é dirigido à classe dos técnicos de prótese dentária pelo presidente da associação portuguesa da especialidade (APTPD). João Carlos Roque considera que, numa área profissional onde a evolução tecnológica é uma constante, “não está a ser assegurada uma formação que dê resposta de qualidade” às exigências do mercado de trabalho.

**M** AXILLARIS. Quais são as prioridades da Associação Portuguesa de Técnicos de Prótese Dentária (APTPD)?

**João Carlos Roque.** Ao longo dos últimos anos, a APTPD tem-se empenhado em encontrar uma solução para o recenseamento e requalificação dos profissionais que exercem a profissão em Portugal. A legislação que regulamenta o exercício profissional foi alterada em 1999, determinando as condições para o acesso à profissão, mas não foram definidas regras para a transição dos profissionais que se encontravam no regime anterior. Esta situação deixou sem cédulas profissionais um número muito significativo de técnicos que continuam a exercer a profissão não tendo enquadramento na actual legislação ou não estando sequer identificados. No nosso entendimento não é admissível que não se saiba quantas pessoas exercem a profissão em Portugal, dificultando a implementação de medidas concretas para a dignificação da profissão e do seu exercício.

Para que os profissionais tenham consciência dos verdadeiros desafios que se lhes colocam, e à profissão em geral, e possam também evoluir técnica e cientificamente estamos empenhados em criar uma publicação que possa ser um meio de divulgação das ideias e do trabalho dos técnicos portugueses.

Encontrando-nos em fim de mandato, realizámos este ano uma revisão estatutária com vista a agilizar o funcionamento da APTPD e permitir que a nova direcção possa alargar as áreas de intervenção e ser mais mobilizadora junto dos sócios e dos técnicos em geral.

**M** Que desafios enfrentam, a curto ou médio prazo, os profissionais portugueses de Prótese Dentária?

**João Carlos Roque.** O avanço tecnológico na área da prótese dentária exige de nós uma actualização constante e uma necessidade de evolução técnica capaz de dar resposta aos desafios da medicina dentária moderna. Para tal é necessário adaptar-se às novas tecnologias CAD-CAM, mas não apenas aprender a utilizar um equipamento; é necessário ter uma visão alargada das várias áreas da reabilitação oral e da interligação entre elas. A formação contínua deve ser encarada como essencial para desenvolver competências técnicas

## Os técnicos portugueses são hoje solicitados internacionalmente e têm voz activa junto de empresas que estão na vanguarda da tecnologia dentária

cas que permitam dar uma resposta à competitividade industrial que hoje é global. Quem se quiser afirmar profissionalmente terá que ser capaz de se diferenciar pela capacidade técnica.

**M** Que alterações do foro académico ou legislativo poderiam favorecer o exercício da profissão?

**João Carlos Roque.** Infelizmente, as últimas alterações, quer legislativas quer académicas, têm sido bastante penalizadoras para o exercício profissional.

A existência de cursos de nível secundário de Auxiliares de Prótese Dentária, tutelados pelo Ministério da Educação, que não tem enquadramento com a actual legislação profissional que é da responsabilidade do Ministério da Saúde, são uma porta aberta para o exercício ilegal e não qualificado. Existe uma desarticulação entre Ministérios que é evidente e que tem consequências ao nível profissional. É absolutamente necessário criar um modelo de organização profissional que possa contar com profissionais de vários níveis e adequá-lo aos níveis de formação existentes.

A nível legislativo, a não fiscalização do exercício profissional deixa a porta aberta para o exercício ilegal, criando situações de concorrência desleal e de atropelo das regras deontológicas.

Não tendo as instituições públicas revelado, ao longo da última década, capacidade para proceder à aplicação da lei, penso ser necessário delegar essas competências nos profissionais e nas suas instituições, tal como acontece com outras profissões.

**João Carlos da Silva Roque** é detentor do Bacharel em Prótese Dentária pela Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Lisboa e licenciado em Ciências da Educação para a Área da Saúde pela Ferris State University – Michigan (Estados Unidos).

O actual presidente da Associação Portuguesa de Técnicos de Prótese Dentária exerce também na Universidade de Lisboa o cargo de assistente da Faculdade de Medicina Dentária – é responsável pelas cadeiras de Prótese Fixa da Licenciatura de Prótese Dentária. Acumula ainda o título de Mestre em Pedagogia do Ensino Superior pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da mesma universidade.

À margem da actividade académica, João Carlos Roque é técnico de prótese dentária no Laboratório Nuno Ferreira da Silva, Lda., onde coordena a área de prótese fixa e implantologia.





« A não fiscalização do exercício profissional deixa a porta aberta para o exercício ilegal, criando situações de concorrência desleal »

Ao nível académico, a implementação do Processo de Bolonha foi bastante penalizador para a componente de formação prática, tendo possibilitado a redução do número de horas, o que se traduz numa formação académica mais teórica. Numa área profissional onde a evolução tecnológica é uma constante e onde a destreza técnica é fundamental, não está a ser assegurada uma formação que dê resposta de qualidade às exigências do mercado de trabalho. Sendo a formação académica de prótese dentária de nível universitário é necessário avançar para formações pós-graduadas de especialização que possam promover uma aprendizagem mais prática capaz de alargar o conjunto de competências profissionais.

**M** Qual é a projecção da Prótese Dentária *made in* Portugal? Os técnicos portugueses estão a acompanhar o “ritmo” internacional neste campo?

**João Carlos Roque.** O facto de, há mais de duas décadas, a formação dos técnicos portugueses ser de elevado nível académico abriu horizontes para uma permanente actualização profissional. A adesão dos técnicos portugueses às novas tecnologias Cad-Cam é uma realidade que tem contribuído para o aumento da competitividade dos laboratórios portugueses. Sendo os laboratórios tendencialmente de pequena/média dimensão, não se posicionam no mercado do preço baixo, fazendo uma aposta clara na qualidade e na relação de proximidade com os clínicos, permitindo melhorar o nível da reabilitação oral no nosso país. Penso existir uma aposta clara nos técnicos de prótese portugueses por parte dos nossos dentistas pelo facto da qualidade profissional e da oferta de soluções técnicas não ser em nada inferior ao que se faz nos países mais desenvolvidos tecnologicamente.

Os técnicos portugueses são hoje solicitados internacionalmente para apresentar os seus trabalhos e têm uma voz activa junto de algumas empresas que estão na vanguarda da tecnologia dentária ao nível do laboratório.

**M** Em termos globais, como avalia o panorama do sector da Medicina Dentária em Portugal?

**João Carlos Roque.** Ao nível profissional, os médicos dentistas estão a sofrer as consequências do excesso de cursos de medicina dentária, responsáveis pela colocação no mercado de trabalho de um número desproporcionado de profissionais, que se traduz em dificuldade em encontrar trabalho. Este panorama é ainda agravado pelo facto da formação académica ter sido reduzida de seis para cinco anos, sendo a prática clínica prejudicada por esta mudança.

O alargamento dos seguros de saúde à área da medicina dentária tem proporcionado um aumento do acesso da população aos serviços médico-dentários, permitindo também o acesso a reabilitações protésicas. Contudo, as tabelas praticadas pelas companhias de seguros têm colocado uma pressão sobre os profissionais que têm dificuldade em poder prestar serviços de qualidade e disponibilizar reabilitações protésicas com materiais de melhor qualidade. Essa pressão tem-se feito sentir também ao nível dos laboratórios de prótese, uma vez que os técnicos são frequentemente confrontados pelos clínicos para disponibilizar as próteses de menor custo em detrimento das de melhor qualidade e fiabilidade.

A longo prazo, parece evidente que dentro de poucos anos grande parte destas reabilitações terão que ser refeitas provavelmente com maiores custos para os pacientes.

Apesar das dificuldades, nota-se uma preocupação de evoluir e de acompanhar o desenvolvimento tecnológico, frequentando cursos e conferências. Por isso, o nível das reabilitações fixas, particularmente no contexto da implantologia, tem vindo a progredir, por haver melhor planeamento e articulação entre clínicos e técnicos. ♦